

VOZ  
DA MOCIDADE

31 DE JULHO  
DE 1905

# VOZ DA NOCIDADE

Ação: União e Sacrificio.

Deus, Patria e Letras

REDACTOR-RESPONSÁVEL — THEODORO DE SOUZA

NNO II

PARAHYBA 31 DE JULHO DE 1905

NUM. 40

## EXPEDIENTE

Organ da Mocidade Catholica

Publica-se nas Sêxundas, Quartas e Sextas

ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado

CAPITAL:

Mez . . . . . 1\$000

FÓRA DA CAPITAL E INTERIOR DA

REPUBLICA:

Trimestre . . . . . 3\$000

Collaboração franca

## AVISO

Pedimos aos nossos assignantes do interior, que se acham em atraso, o obsequio de mandarem satisfazer suas assignaturas até o fim do corrente; pois a não ser assim, somos obrigados a suspender a remessa de nosso jornal.

## MAL CHRONICO

Não se admirem os leitores ao lerem a presente epigraphe; o nosso fito não é outro senão mais uma vez deixar patente o nosso modo de pensar sobre a nossa actual situação.

Vivemos, é certo, cercados de muitos males que acarretam para o nosso esphacelamento moral, mas nenhum destes nos prejudica tanto com o que ora concentra as nossas especiaes attentões.

A alma do brasileiro é grande porque alimenta-se dos sagrados effluvios da dignidade, porem ella é traiçoeiramente combatida pela inveja e a sua magnimidade deixa-se lavar ao sacrificio que muitas vezes termina com uma gargalhada satanica de contentamento feroz.

O nosso caracter tem a rigidez do marmore, mas torna-se venal (perdoem-nos o qualificativo) ao fingido protesto de hypocrita amisade.

Os nossos maiores interesses deixamos de parte para atten-

dermos ao chamado egoista do disfarçado defensor dos nossos direitos.

É um mal chronico — desprezamos as bellezas naturaes com que o senhor presenteou ao nosso berço e nos entregamos de corpo e alma a admiração das tantas cousas phantasiadas que o estrangeiro nos apresenta.

Tudo que é nosso, tudo que ha produzido a nossa industria, a nossa agricultura, o nosso clima, os nossos costumes, a nossa sociedade enfim, estão inferiormente collocados na galeria da vilisacão em relação aos outros povos.

É nas altas camadas sociaes que este *morbus* tem feito maiores estragos.

O homem de elevada posição social não é um verdadeiro *tyro da roça*, não está no seu *pará*, se deixar de passeiar na Europa. A censura *cahirá* desapiedadamente, até por parte dos seus concidadãos, sobre um estadista não cumpre esta obrigação imposta pelos leis da *cortezia*.

Vejam a consideração que dispensamos ao aventureiro, unicamente porque elle é inglez, allemão, francez, etc. etc.

De que distincção não é alva aquelle que pela vez primeira,itta embasbacado este céo formoso e respira ebrio de surpresa este oxygenio puro?

Infelizmente, para nós o estranho é quasi deus e a sua sentença de morte parece annunciar-nos uma nova vida onde tudo é luz e contentamento.

Fatal engano!

Tristes de nós que só trabalhamos para enriquecer os bancos lazarinos e engrandecer ainda mais a poderosa esquadra da Mancha.

Os espiritos puros occultam e envergonhados de tanta baixeza e ao fitarem o nosso brio agonizante uma supplica commovente dirigem ás regiões da luz.

Irmãos de nacionalidade! já é tempo de provarmos o nosso patriotismo — empunhando a Cruz espulsemos os inimigos da nossa crença, os coveiros da nossa honra do «puro regaço da Mãe Patria.»

## pavilhão Nacional

Agita-se na Camara a questão de magna importancia, para os republicanos convictos e que pregam as tradicionaes reliquias ofertadas a Patria pelos seus mais denodados filhos.

Não é o sentimento catholico que exclusivamente faz-nos adherir a nobre ideia da retirada do «Ordem e Progresso» nem tão pouco ser ella apatrocinada pelos mais eminentes chefes do pôder e sabios do paiz, não já em dias passados, antes que na Camara se levantasse a ideia já nós clamavamos diante o attentado, do sacrilegio, que mãos impias praticavam, atirando na face do povo e da Patria, collocando um lemma de seita opposta aos sentimentos da quasi totalidade do povo brasileiro no estandarte da Patria.

Aos republicanos de convicções, aos que ainda existem, aos que assistiram e fizeram parte do movimento da proclamação; cumpre contra este attentado, pois não é este o lemma dos primeiros republicanos, nem tão pouco os que figuravam nos clubs nos tempos da propagauda, no advento da Republica, nos clubs civis e militares.

Nós catholicos nos regosijamos porque vemos não só um acto de verdadeira ostentação; mas porque republicanos amigos do direito não desejamos ver esmagada a constituição, admitindo o tema de uma seita quando a Republica não tem, não reconhece nenhuma religião.

Avante illustrissimo Sr. Celso de Souza, cumpra o seu dever de republicano e representante do povo.

Se de um lado ouvir as maldições dos insensatos do outro ouvirá a voz unisona dos que vizam a causa pelo prisma do direito.

Estaremos ao seu lado.

Ou um lemma que synthetise os sentimentos do povo, ou as cores e a parte astronomica.

## CONEGO SABINO

Grande é a virtude da caridade, bella a da pureza, progressiva a do trabalho, mas muito mais eletrisadora é a do reconhecimento, pois nos tempos hodiernos é a que mais difficilmente encontra apoio, abrigo no recinto do peito dos homens.

Os que, mais fazem em pro do povo em bem de seus irmãos, sacrificam se por amigos, consagram-se a ideias levantadas, são os olvidados e muitas vezes até dispregiados.

Não queremos, porem, que dê-se comnosco o que em outro censuramos e por isto vimos por intermedio destas pallidas linhas, trazer-vos nosso preito de reconhecimento aos serviços que nos prestastes durante o tempo que sabamente dirigistes os nossos destinos esperituaes.

Não tem esta manifestação o cumbo das que nos abrião em-furo, nem tão pouco a belleza dos estylistas, porem tem o cumbo da sinceridade.

Continuai na missão de auxiliar a mocidade, esta disprotégida dos potentados mas com quem contará os reformadores da Sociedade, os sustentadores da Patria, esta que será as alavancas do progresso, a propagandista dos principios enobrecedores do homem illiminados pelos corruptos e ensinados por Jesus e pela sua Igreja e nós comvosco estaremos e prontos diremos ao mundo os vossos feitos.

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES DO INTERIOR

Pedimos aos nossos assignantes do interior desculpa por não ter com brevidade, seguido o nosso jornal, sendo motivo de semelhante falta a falta de um empregado na correspondencia.

Esperamos ser desculpados.

Tendo de seguir para Cianco onde é abastado fazendeiro, enviou-nos um cartão de despedida e distincto Coronel Firmino Ayres.

Gratos pela honroza communição desejamo-lhe feliz viagem.



O PELIGANO

Não podíamos silenciar a gênica do proprietário das oficinas denominadas "O Pelicano", assim como a do mestre e impressor da mesma, manifestar a nossa gratidão.

Apar da ótima coleção de material para confecção de qualquer trabalho tipográfico e litográfico, encontra-se neste estabelecimento o que mais preciso se faz em qualquer casa comercial, a prosciência, limpeza e nitidez, apar de uma sinceridade admirável.

Não há muitos dias fomos testemunhas oculares do que ammiramos.

Não obstante a grande enchente de trabalho remeamos um trabalho para este importante caso, fomos sem que fossem explorados, como se quasi commum faz-se em casos taes.

Pela portante nestas linhas e assignada nossa gratidão a Sr. Tenente Coronel Candido Jayme, ao Sr. Amancio Nobrega opero, ao mestre das officinas e ao Luiz de Souza impressor da mesma.

Como estava annunciado, realizamos sabido as 6 e 1/2 da tarde uma sessão litteraria em homenagem ao Rvm. P.º Severiano; fallaram o talentoso orador do Gremio, João Pires saudando o manifestado, o conselheiro Manoel de Almeida, o vice-orador J. Mathias Costa e o nosso redactor chefe Theodoro de Souza.

Em ultimamainho o Rvm. P.º Severiano agradecendo a manifestação em uma linguagem bella e commovida offerecendo ao Gremio as preciosas reliquias do Santo Sepulchro do Salvador e de São Luiz de Gonzaga, encerradas em lindas madonas do padre e a cada socio uma medalha com a effigie S. Luiz, distinguindo-se o Presidente e do Vice-Presidente em tamanho e belleza.

Encerrada a sessão sua Rvm. foi acompanhado até a sua residencia por todos os associados. Gratos pelos preciosos presentes.

Enviou-nos um cartão de despedidas por ter de seguir para o Rio, o virtuoso apostolo da religião, o Rvm. P.º Severino Ramalho.

Que seja bem feliz na sua via-

gem, são os nossos ardentes desejos.

AVANTE!

Aos combatentes de luctas da S. Mocidade Catholica  
A proposito da nova directoria.

Valerosos soldados da fé  
Invenidos na graça de Deus,  
E' chegado o momento solenne  
De vobis torcades aos céus.

E' chegado o momento das luctas,  
Vos deveis novus luctas travar  
Que do luctas por Deus só podeis  
No futuro o triumpho alcançar.

Luchad vós deveis com afincos  
Para alcancares da gloria o penhor,  
Luchad vós uma cruz e marchad  
Que jamais vos domina o terror...

O poder de Deus invocai  
Nos momentos de dor e affeição,  
Eja o vosso pharol, vosso guia  
A v' cidade, o desejo, a união.

N'algum dia fallar-vos coragem  
Nas conquistas do bem e da luz  
Supplicai do Jesus protecção,  
Vosso arrimo nos braços da cruz

Seja um braço de avante o trabalho  
A fim de, a constancia o valor!  
Seja a fé, seja crença a estrella  
Que vos guie pelos mares da dor.

Seja o braço da cruz de Gonzaga  
Vosso arrimo na vida d'alem...  
Seja a união, sacrificio  
Vosso lemma nas luctas do bem.

Em 23, 7, 905.

P. F.

Conferencia de S. Vicente de Paulo

Como uma das flores do bouquet offertado ao Exm. Sr. Bispo no nosso numero especial do dia 24 cuja aroma suave denota bem a mão bemfazeja do que plantou esta planta n'oste seu solo natal, damos a noticia infra sobre a conferencia, realizada no dia 23 na Igreja das Mercês, pela Sociedade de S. Vicente de Paulo. Sob a presidencia honoraria de Monsenhor Almeida, representando o Exm. Sr. Bispo, acompanhado de varios sacerdotes da nossa Capital.

O presidente d'esta Sociedade, Major Jacintho Cruz, abriu a sessão, dando a palavra ao orador official da mesma, Dr. Olavo de Magalhães. Esse, a fez em pequetissimo exordio em que explicou a sua missão alli, em lugar do presidente effectivo, discorreu em

frazes praticas sobre os fins e os efeitos da Sociedade de S. Vicente de Paula perante a pobreza d'esta terra, lastimando que instituição tão altamente humanitaria e caridosa entre nós ainda se achasse com o seu seio de acção bemfazeja tão limitado. Concoitou os confrades a se reunirem sempre e dar execução mais ampla a missão de caridade de que se acham investidos.

Antes do discurso do orador foram lidas a acta da sessão anterior e em resumo dos trabalhos de caridade feitas durante os mezes p. passados; o que foi approved e summamente apreciado. Seguiu-se com a palavra o confrade Dr. Manoel Tavares, que, como sempre, mostrou quão comprehende a religião catholica e qual seja o grão de caridade da mesma.

O orador desenvolvendo a sua these, demonstrou que a caridade é um sentimento christão e que esse sentimento não se limita somente ao seu effecto material perante o perseguido da sorte; vai muito além no conforto espiritual que traz a esses infelizes nas horas angustiadas da existência. O discurso do orador, cheio de erudição e conceitos altamente moraes, produziu um effecto salutar no espirito do auditorio.

Em seguida, occupou a tribuna o desembargador Botto de Menezes. O orador, de palavra facil e captivante, derramou no auditorio ondas de harmonioza eloquencia e, enverando brillantemente pelo terreno da historia e da philosophia espiritalista, demonstrou que a caridade era o proprio Christo na terra, ora a synthese do drama sacrosanto do Calvario e que, sem a caridade na terra para com o pobre e infeliz, a propria obra do Christo como que se tornaria incompleta e imperfeita. Demonstrou que a propria economia Politica teve de faser, retroceder quando vio que o pobre tinha direitos iguaes ao rico e que essa desigualdade apparente da sociedade nada era perante a condição de finalidade da materia de ambos. Passar para estas columnas o brilhante discurso do Desembargador Botto de Menezes é tarefa difficil e muito superior a nossa capacidade intellectual.

Só ouvindo e apreciando a belleza das suas phrazes pronuncia-

das é par da unção sancta de que se revestem os seus conceitos e affirmações catholicas.

Fallou ainda o vice-tiño Cavalcante, que, citando alguns versiculos da Biblia, discorreu sobre os pontos historicos da vida de S. Vicente de Paulo.

Por fim, fallou o Rvm. Monsenhor Almeida no meio do mais religioso silencio. Disse o digno sacerdote que a missão da Sociedade de S. Vicente de Paulo era a mais nobre possivel perante Deus e a sociedade em geral. Que era preciso que os vicentinos se tornassem catholicos praticos o mais possivel, cercandose dos sacramentos da Igreja Catholica nos quaes estava o proprio Christo representado para dar-lhes alento e confiança na grande jornada da caridade da terra, que os catholicos deveriam desconfiar das artimanhas e falsidades de muitos sem a verdadeira fé; que procuravam vencer os outros e que Deus nada tem com as acções humanas. Que isso é o resultado da sombra da bandeira do mal, que se levanta ao lado da bandeira do bem e da verdade apostolica e divina.

Terminou, agradecendo a saudação feita pelo orador official, Dr. Olavo de Magalhães, ao Exm. Sr. Bispo, convidando, por fim, a todos em geral para comparecerem á recepção do mesmo Exm. Sr. Bispo. Affirmou que isso seria para o coração de mesmo Sr. Bispo muito grato e por poder elle d'essa forma avaliar quanto tem prosperado d'esta terra a obra de caridade e amor plantada por si no seio da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Após esse importante discurso ao Exm. Monsenhor Almeida, foi feita uma collecta entre as pessoas presentes, cujo resultado é applicado em summo a pobreza de nossa cidade, especialmente ás familias pobres que tem a vergonha propria de suas posições em pedirem esmolas publicas.

Assim terminou essa conferencia, que, na nossa opinião, foi uma das mais importantes que nos foi dado ouvir n'esta Capital no seio da digna Sociedade de S. Vicente de Paulo.

De volta

(Ao Rvm. P.º Severiano)

Não podia deixar de escrever duas linhas na volta de "nosso distincto Director espirital,

Rvm. P.º Severiano de Figueiredo, que tem revelado sincera amizade e esforçado-se bastante em prol da grande causa que sustentamos.

O saudo pois pela sua vinda da Terra-Santa, com o Bispo da Diocese da Parahyba, como humilde socio desta sociedade.

Salve!—Salve!

Paulo Genuino

No templo!

(A quem se compõe a...)

Entrará... ajoelhará-se, era do numero d'aquelles que iam reingiar-se aos pés do Sanctuario para deixarem passar momentos que somente a prece acalma...

Estava incluída n'este grupo, porque impotente para resistir, se fa-se immersa n'uma tristeza infinitavel!—O present se lhe apresentava inifferentemente... lenhoso, com quanto o futuro a contemplava ameaçador, desbravando-as puras alegrias sonhadas n'um mundo de dedicação e sacrificios!

E anhelando pelo celere desaparecer do vago presagio que aterrormentava e de quem receava que, mais tarde fosse o algóz implacavel de seu viver, fora prostrar-se deante do altar da Virgem Immaculada...

— Como o viajar las o procurava a sombra da arvore amiga para descansar as fadigas d'uma jornada percorrida á esmo, sem o conforto d'uma palavra amiga sem o fulgido brilhar d'uma estrella, que lhe aponte o pallido pharol de suas esperanças, — assim, fora abrigar-se sob o manto protector da Estrella do Mar, e alli, occultando o rosto entre as mãos, em lagrimas supplicava á Virgem...

... Que prescutes o iutimo segredo d'este coração que, fragil batel luctando tenazmente contra as furias do procellose mar da incerteza, lançava-se com damente no regaço querido, d'Aquella que jamais se deixa impiorar debalde...

Myosotis

CONSORCIO

Consoceio-se ante-hontem nesta Capital, com a Exm. Sr. D. Eulina de Medeiros, o dignissimo Director da importante revista «A Philippéa», João Cori-

olano de Medeiros. Ao jovem par desejamos um futuro de rosa.

Malas em Transito

P.º Severino Ramalho  
Pilar

Recebemos 17\$000 para pagamento de trimestres de Julho a Setembro, de V. Rvm.º, e dos Srs. assignantes Antonio Ferreira da Silva, José Medeiros Sobrinho e P.º Vital Paiva, sendo este de Agosto a Dezembro.

Gratos

Severino Leite

Recife

Seu soneto A vida não vai mande cousa melhor que publicaremos.

AOS NOSSOS LEITORES

Em virtude de um pequeno desarranjo em nosso prelo só podemos dar o nosso Jornal na sexta feira proxima, pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes e leitores.

Reificação

Alem de outros erros de menos importancia, por descuido de revisão, passaram no artigo programma os seguintes lapsos: na 2.ª columna na 24.ª linha onde se lê «da roça» leia-se da raça; na 29.ª onde está «não cumprir» diga-se: se não cumprir na 41.ª em vez de é quasi deus deve ler-se — é quasi um deus.

Prosa

Era noite.

No velho convento de S. Francisco, o velho relógio n'um balalar monotonico, annunciava orzes horas.

Um silencio sepulchral, envolvia os desertos recantos da natureza, a pallida Diana divagando na amplidão do vasto céu adornado de scintillantes estrellas, derramava sobre a terra frouxos raios de luz...

O magio soprar da brisa da noite, de leve baloiçava a ramagem das arvores...

Eu, Mendes Freire e Chateaubriand conversavamos a cerca do amor, da saudade, da politica, e da critica situação de nossa Republica.

Bem animada corria a palestra. Eu recordando-me de fazer

uns versos, fiz despertar em Chateaubriand a idéia de que a ultima pagina da «Voz da Mocidade» inerte jazia sobre o prelo.

Chateaubriand, trabalhador como é e sempre activo na impressão do jornal, desceu ás carreiras as velhas e gastas escadas de pedra que vão ter ao prelo, cantando em voz baixa:

"Vai suspiro transpando o espaço, vai Vai la na patria acordar meu bem, Dize-lhe que amo, que o recorde sempre, Diz-lhe tudo...mas, não fiques, vem..."

Mendes Freire o acompanhou recitando saudoso e enthusiasmo a seguinte estrophe:

"Vem cá, minha companheira Vem, triste, mimosa flor! Se tens de saudade o nome Da saudade eu tenho a dor..."

E desceram... Momentos depois ouvia-se o prelo em movimento e echoando ainda no silencio da noite o som tocante e commovente da magoadã canção...

Fiquei a sós... Inspirado peguei da penna para escrever alguma cousa para o outro numero, recostando a cabeça levemente na mesa da Redacção, fechei os olhos e adormeci...

Chateaubriand e Mendès acabando a tiragem do jornal, subiram: me encontrando de penna em punho completamente adormecido, deram duas diabolicas gargalhadas que me fizeram despertar...

Então... com os olhos semelhantes aos de Abreu, (que Deus me livre) quando lê a «Voz da Mocidade» apenas pude murmurar:

Quem dorme esquece a tristeza Que o coração faz chorar, Me deixem portanto dormir Não me venham despertar...

E procurando uma melhor posição novamente cahi nos forçosos braços de Morpheu, vindo despertar no outro dia quando a passara alegremente entoava um hymno de saudação ao dia que despontava das dobras do horizonte, e os raios do sol nascente começavam a doirar as altas torres da

vamos na portinhola d'um dos carros um nosso consocio (desafecto do Sr. Odilon Cabral) e o nosso digno Director espirital P.º Severiano de Figueiredo, com as mãos pollecadas no portal da referida portinhola; quando o trem fez marcha, o Sr. Cabral corre, salta na plataforma do carro e bate com toda vehemencia a portinhola dando grande pancada nas mãos dos sobre-ditos; o sr. Cabral não obstante ser empregado da companhia ignora que o serviço de fechar portinholas pertence ao conductor—se deseja exercer tal cargo, abandone o lugar de chefe e vá celebrar-se com os bons tratamentos que dispensa aos passageiros.

Recebemos a seguinte communicação e agradecemos: PESSOA SILVA & C.ª

IMPORTADORES DE CALÇADOS E COURTES Parahyba do Norte, 29 de ulho de 1905

Ill.ºs Srs. Redactores da «Voz da Mocidade» Temos a satisfação de comunicar a V.S.ªs, que hoje começamos a transferir o nosso estabelecimento "Sapataria" para o novo prédio á rua el Pinheiro n.º 26, esquina da "Rua cinco de Agosto", onde estaremos definitivamente installados na proxima segunda feira-31 do corrente.

Esperando continuar a merecer a apreciada confiança de V. S.ªs nos firmamos com particular estima.

Dé V.S.ªs Attn.ºs admiradores Cr.ºs Pessoa Silva & C.ª

Uma pagina do passado (Ao velho e bom amigo Santos) Roza era o seu nome.

Recostada sobre a relva da campina, n'uma morbidez suave e provocante, ella distrahia-se mastigando o caule de uma flor silvestre.

Trajava saioté curto, de um panninho leve e claro, recamado de vivos encarnados.

Olhos negros e ondeados beijos am-



Quem mulher perliha, des-  
tas que gritam por vingança, e  
era de cor morena da Andalu-  
sa sem o ar petulante da Hespá-  
nhola.

Aproximei-me d'ella, com esta  
affouteza da mocidade, mas tive  
de retrahir-me à luz de seu olhar.

—O caminho que vae ter no  
Forno (\*) é este? perguntei-lhe  
todo desnordeado, apontando para  
uma trilha que, em zigue-zague,  
se perdia, adiante, na orla do  
caminho.

—Não sei dizer, Senhor. Po-  
rem vou chamar mamãe que po-  
derá ensinar-lhe.

E, com um timbre de voz que  
tinha mais de divino, gr'tou: Ma-  
mãel Mamãel.

Eu conheci esta mulher ha  
muito annos, sem saber que ti-  
nha uma filha tão casta e tão  
bella...

para as quaes arrolham-se os  
ouvidos da Justiça para não se-  
rem ouvidas.

Roza fora recohida por uma  
familia honesta a qual prodigali-  
sava-lhe todo carinho, ao mesmo  
tempo que incutia-lhe o amor ao  
trabalho e ao estado.

Roza sabia ler, escrever, hor-  
dar, e tinha algumas noções ru-  
cimentares de musica.

la muitas vezes em casa de  
sua mãe, para ter o prazer de  
conversar com ella.

Em tudo fascinava.

Achava-a sempre triste, cabis-  
baixa e de dia para dia accen-  
tuava-se mais a cor baça que lhe  
evadia o rosto.

Seu corpo perdia as formas ri-  
jas e arredondadas; seus olhos  
velavam-se por um manto de  
dor e nostalgia...

Uma vez, chamou-me e disse:

—A primeira vez, que o vi,  
julguei-o desprezível; hoje, é um  
amigo que tenho.

Poderei, portanto, contar-lhe  
meu soffrimento.

Como sabe, tenho dezoito an-  
nos, e neste longo espaço de tem-  
po nunca soube o que era neces-  
sidade.

Fui educada como rica e assim  
affagava doces illusões.

No meio em que vivia, respi-  
rava-se um ar de castidade, um  
ar puro e de innocencia.

Aqui, tudo é diferente... sin-  
to a athemosohera pesada, pes-  
tilenta, cheia de miasmas e de  
podridões...

Minha mãe não é a mulher que  
eu julgava—uma viuva casta e  
recatada... quando não vae ao  
rio, passa os dias na taberna ou  
a largar ditos e pilherias aos ba-  
gageiros que passam...

E eu sinto que tudo isto me  
mata porque não acharei reme-  
dio...

Porém, o que mais me aca-  
brunha, é querer levantar tene-  
brosa cortina... é querer  
dar o passado... com  
foi minha inf  
meu pa...

de meu pae...

Conheceu, o Senhor, a elle?  
Sube do seu nome?...

E cahio n'um pranto convulsi-  
vo, entrecortado de gemidos e ais  
dilacerantes.

Quiz levar a conversação para o  
chiste e para a graça e disse-lhe:  
—E perguntas quem é teu Pae?

Pois não sabes? Innocente!...  
Teu Pae é Deus e simplesmen-  
te Deus: E' o unico Pae que têm  
as flores. Chama-te Roza,—és fi-  
lha da rozeira...

A rozeira tem espinhos; por  
isso tua mãe te maltrata.

Eu serei o jard neiro—colherei  
esta flor tão beila e pura e guar-  
darei no vaso de meu peito—  
dentro do meu coração...

Ella levantou os olhos verme-  
lhos e lacrimosos, e com voz tre-  
mula:

—Não! Jamais! Jamais tú me  
amarias!...

Como podereis amar uma mu-  
lher fructo de um crime!?

Pois não sabes que tudo ad-  
vinho?... Sou uma filha sem pae  
... arrebatada do abysmo per  
sua propria mãe... Oh! aqui tu-  
do é lama! Aqui tudo é mizeria!...

E cahio novamente em convul-  
sivo pranto.

Ameguei-lhe com os dedos do-  
cemente as faces, e, n'um impe-  
to de amor, quiz arrebatá-la d'a-  
quelle foco inundo...

Ella oppoz-se tenazmente a isto.

Parti para Macáu. (\*)

Quando voltei soube que Roza  
tinha morrido.

A tísica gastara aquelle corpo  
mimoso e delicado, libertando  
sua alma pura, immaculada.

Chorei a morte de Roza; po-  
rem chorei de alegria,

Era mais uma virgem que fu-  
gia ao crime, era mais um anjo  
que voava á Deus...

(\*) Antigo engenho Forno da  
Cal em Olinda; hoje propriedade  
do cidadão Henrique Gibson.

N(\*) Cidade do Rio Grande do  
orte.

Umbuzeiro, 8 de Julho de 19 05

Pedro J. V. Botelho.

**Annuncios**

O abaixo assignado, incumbi-  
do por um amigo do Rio, acceti-  
ta assignaturas para a importan-  
te obra *Os Evangelhos e actos dos*

*Apostolos* livro riquissimo, em  
portuguez, bem encadernado,  
dourado, com 100 estampas, an-  
notado e devidamente appro-  
vado por S. Ex.<sup>a</sup> Rvm.<sup>a</sup> Snr.

Arcebispo do Rio de Janeiro.

Deduzidas as despesas, e não  
se visando interesse peccuniario,  
se fornece a obra por 3\$500 rs.

n'esta capital, e no interior por  
4\$000 rs. inclusive o porte.

Aos Rvm.<sup>os</sup>...

**Hotel Parahybano**  
*Antigo Hotel d'Europa*  
O proprietario do Hotel  
Parahybano previne aos seus  
amigos e fregueses do in-  
terior que acaba de trans-  
ferir o seu hotel para o an-  
tigo Hotel d'Europa sito a  
mesma rua Visconde de I-  
nhaúma esquina n. 23. Ahí  
aguarda as ordens de seus

amigos e fregueses promet-  
tindo-lhes servir-lhes com to-  
da promptidão e accção.  
Casa de muitos commo-  
dos por isso mesmo offere-  
ce as melhores vantagens  
aos Srs. viajantes em geral,  
familias etc.  
Rua Visconde de Inhauma  
n. 23.  
José Dias de Vasconcellos.

# Tabacaria Peixoto

*Grande manufactura dos SUPERIORES CIGARROS*  
**Santos Dumont**  
**Alvaro Machado**  
**Fidalgas [ambré]**  
**Amorosos**  
**Rio Branco**  
*Estes cigarros são fabricados com fumos velhos e escolhidos  
essantos de qualquer composição nociva.*  
*Vendem-se em todas as casas de confiança.*  
**A. P. PEIXOTO & C.**  
RUA MACIEL PINHEIRO N.º 14.

# A Equitativa

Sociedade de Séguros Mutuos sobre a Vida, Ter-  
restre e Maritimos

**apolces com sorteio em  
dinheiro em vida do segu-  
rado**  
**Rua da Candelaria n. 7**  
**RIO DE JANEIRO**

# Refinaria Popular

DE  
**ANTONIO PIRES**

Neste estabelecimento en-  
contra-se assucar de pri-  
meira qualidade e por  
preço mas modico que  
em qualquer outra parte,

O DESENGANO E... IR ATE LA.  
Praça Dr. Alvaro Machado Contiguo a Escola de Aprendi-  
s Marinheiros.